

A Misericórdia de Macau e a sua Actividade Assistencial

Em Macau, a *Misericórdia* terá sido fundada pelo Bispo jesuíta D. Melchior Carneiro que, logo à sua chegada em 1568, lançou as bases da Confraria indo, pessoalmente, para exemplo, esmolar de porta em porta os fundos de que necessitava. Fundada a Misericórdia, em 1569, foi logo criado o Hospital dos Pobres, assim como um Lazareto para assistir aos leprosos, o Hospital de S. Lázaro, com uma Ermida anexa, chamada Nossa Senhora da Esperança (actual igreja de S. Lázaro).

A partir daqui, outras obras assistenciais foram fundadas, incluindo instituições para protecção dos meninos desamparados, das órfãs, das viúvas, das mulheres “arrepentidas”, assim como a assistência aos pobres nos seus domicílios. A atenção geral pela pobreza feminina, em especial, assim como pelos doentes pobres era uma das mais importantes obrigações regulamentares da Misericórdia de Macau.

As receitas da Misericórdia de Macau provinham de uma percentagem anualmente consignada nos direitos dos cidadãos, bem como de legados e outras doações particulares, sendo raros os ricos que, ao morrerem, não legavam os seus bens, ou parte deles, à Santa Casa da Misericórdia.

A Santa Casa ocupa um espaço

ainda hoje importante na assistência e protecção sociais, na actual Região Administrativa Especial de Macau.

[Autora: Leonor Diaz de Seabra pp. 6-21]

Os Compromissos da Misericórdia de Macau: Ensaio Comparativo

O Compromisso de 1627 é o primeiro regulamento original da Misericórdia de Macau, seguindo directamente os textos compromissais da Casa-Mãe de Lisboa e, complementarmente, da Misericórdia de Goa.

O Compromisso é um documento juridicamente competente, ressaltando de um meio social elitário, com um patriciado urbano colonial que dominava, tanto como financiava a vida, os equipamentos e as actividades assistenciais. Tem trinta e sete capítulos que, acrescentados por vários regimentos complementares, especializam toda a vida e ordem da Misericórdia de Macau, da sua tesouraria à sua provedoria, dos seus capelães aos seus mesários, explicitando procissões e orações, assistências e obrigações piedosas.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as principais actividades assistenciais da Misericórdia foram profundamente alteradas pelas transformações políticas, económicas e sociais, ao mesmo tempo que se registavam dificuldades para que a Confraria pudesse continuar a concretizar a sua missão estatu-

tária, mobilizando os apoios sociais e os fundos económicos fundamentais.

Após várias vicissitudes, que passaram por uma quase extinção desta organização confraternal, a Misericórdia de Macau teria um novo Compromisso em 1893, o qual, colocado sob um forte princípio de reorganização e reforma da Misericórdia, iria constituir um elemento normativo basilar na vida histórica da Santa Casa Macaense. [Autora: Leonor Diaz de Seabra pp. 22-40]

Luís Gonzaga Gomes - um “filho da terra”, pedagogo e promotor da identidade de Macau e do diálogo intercultural luso-chinês

Neste artigo pretendemos revisitar Gonzaga Gomes à luz dos novos estudos entretanto realizados, e analisar a acção de Luís Gonzaga Gomes como professor e pedagogo, mas também como promotor da identidade de Macau e do diálogo intercultural luso-chinês.

A Dissertação de Doutoramento (2018) da professora Han Lili, Luís Gonzaga Gomes, *Filho da Terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*, e o seu artigo *Contributo da adjetivação na construção da identidade macaense – estudo da obra Curiosidade de Macau Antiga, de Luís Gonzaga Gomes (2013)*”.

O Dr. Jin Guoping como tradutor de, pelo menos duas obras, de

Gonzaga Gomes: a *Mensagem* de Fernando Pessoa para Chinês, e a *Breve Monografia de Macau*, para Português (2009), a partir da versão de Zhao Chunchen de 1988.

Os trabalhos de Mónica Simas, Fernando Serafim e Vanessa Sergio, autora de uma dissertação de Doutoramento em Nanterre (França), sobre o título *Macao, vie culturelle et littéraire d'expression portugaise au milieu du XXème siècle – Luís Gonzaga Gomes “Fils de la terre”*. Tradutor ou simplesmente divulgador para a maioria, parece haver consenso sobre a importância da obra de Luís Gonzaga Gomes como promotor do diálogo intercultural luso chinês e, desta forma, a relevância do seu contributo para a identidade de Macau.

[Autor: Aureliano Barata pp. 41-60]

António Manuel Couto Viana: Macau entre sonho e nostalgia

António Manuel Couto Viana (1923-2010) é autor de uma assinalável e vasta obra literária, tendo-nos deixado um legado que vai desde o teatro, à poesia e aos contos (para crianças e adultos).

O autor assume que desde a infância desenvolveu um fascínio pelo Oriente, influenciado sobretudo pelos livros de Wenceslau de Moraes, que habitavam nas estantes da casa paterna, pelas histórias que o pai lhe contava e pelo negócio do avô, que o punha em contacto com vários artefactos orientais.

O seu fascínio pelo Oriente atraiu-o para Macau, onde residiu e desenvolveu actividade no campo cultural, servindo-lhe de inspiração para a escrita de um conjunto de poemas sobre a sua vivência e as marcas que foi encontrando da presença portuguesa em terras orientais. O próprio autor afirma que este foi um período de grande fecundidade poética.

Apesar de nutrir um profundo amor pela Pátria, o desgosto pelo regresso “forçado” a Portugal acompanha-o durante os últimos anos da sua vida, transformando-se em tema de confidências (Conferência de 2007 na Delegação Económica de Macau, Lisboa) nas quais, repetidamente, confessa que esta era a terra onde poderia ter ficado até à morte (primeiro poema escrito após a chegada a Macau / Cemitério Chinês da Taipa). Apesar do relevo da sua obra, a pesquisa por nós desenvolvida mostra que esta não está devidamente estudada, existindo apenas biografias e entrevistas com o autor bem como breves resenhas dos seus livros, publicadas em jornais, revistas e catálogos de lançamentos de livros e iniciativas similares.

Assim, este artigo tem como finalidade dar a conhecer, de forma sumária, a vida e obra de Couto Viana, com especial incidência na obra poética que tem como tema o Oriente.

[Autoras: Maria de Lurdes N. Escalera, Leonor Diaz de Seabra, pp. 61-72]

Orientalismo em Maria Ondina Braga

“Orientalismo em Maria Ondina Braga” é um ensaio que procura analisar o modo como a escritora Maria Ondina Braga observou a realidade extremo-oriental, bem como a eventual filiação dessa análise na perspectiva de Edward W. Said.

Maria Ondina Braga nasceu em Braga, a conhecida cidade dos arcebispos, marcadamente católica e pre-conceituosa, do Norte de Portugal. Concluídos os estudos, foi dar aulas para Angola, então colónia portuguesa, na década de 50 do século XX, de onde saiu com o despontar dos nacionalismos africanos (1961). Em Goa, outra colónia portuguesa, permaneceu escassos meses, devido à entrada das tropas indianas em Dezembro de 1961. Partiu então para Macau, enclave português do sul da China, onde chegou no final de 1961.

Da sua extensa bibliografia, avultam as obras que dedicou a Macau e à China: *Eu Vim Para Ver a Terra* (1965), *A China Fica ao Lado* (1968), *Estátua de Sal* (1969), *Angústia em Pequim* (1984) e *Nocturno em Macau* (1991).

Macau e as suas gentes constituem o *leit-motiv* privilegiado dos seus escritos. Mas foi a comunidade chinesa o húmus que adubou a sua escrita.

Maria Ondina Braga seduz o leitor com uma linguagem intimista, muitas vezes poética, conduzindo-o para

RESUMOS

um universo vivencial já inexistente, que ainda preserva muito dos valores axiais da cosmologia chinesa.

A sua obra reconhece que a realidade do 'Outro' tinha de ser observada por um olhar limpo, igual, sem espelhos, para que a imagem saísse despojada de artifícios. Aproximou-se, neste sentido, de Edward W. Said e da sua denúncia da artificialidade dicotómica e intencional, que, como teorizou, o Ocidente impôs ao Oriente. Por isso, este ensaio tem também o propósito de celebrar Edward Said, escritor inteligente e arguto que abriu ao mundo intelectual novas esferas de reflexão e de conhecimento.

[Autora: Celina Veiga de Oliveira pp. 73-85]

José Silveira Machado: Exílio, Solidão e Orientalismo

Professor, jornalista, poeta e dirigente associativo, José Silveira Machado [24.10.1918 – 18.11.2007] foi um carismático membro da comunidade portuguesa, tendo chegado a Macau em 1933 e aí permaneceu até ao fim dos seus dias.

Foi um dos fundadores do jornal *O Clarim*, em 1948, e desde então manteve uma importante intervenção cultural e cívica sobre os problemas de Macau, sempre com uma elevada eticidade intelectual e sem subalternizar a história do Território.

Na sua poesia podemos encontrar um olhar alegorizado sobre o oriente, o culto melancólico e místico da amizade ou o espírito claro do sentimento religioso

traduzido em solilóquios. A sua poesia quando procura revelar o ser, possui por vezes uma densidade filosófica que cruza a linha do Oriente e do Ocidente. Este artigo procura, igualmente, fixar a sua bibliografia e reúne um conjunto inédito de depoimentos sobre a sua vida e obra.

[Autor: António Aresta pp. 86-107]

O Orientalismo de Armando Martins Janeira

Armando Martins Janeira nasceu em Felgueiras, Moncorvo, em 1914, e morreu no Estoril, em 1988. Tomou contacto com o Japão na juventude, através da leitura das obras de Wenceslau de Moraes.

Ao contrário de Moraes, não nasceu na capital, mas nas remotas montanhas de Trás-os-Montes, e conheceu o Japão pela via erudita. Também ao contrário de Moraes, que descobre o Japão através da China, Martins Janeira chega ao conhecimento e ao estudo da China pelo Japão.

Janeira entrega-se ao Japão e à cultura japonesa durante os mais de dez anos felizes, como afirma, que levou como diplomata em Tóquio, absorvendo o quotidiano nipónico através de artistas, escritores, historiadores e intelectuais japoneses seus amigos. Quanto à sua reflexão sobre a realidade da China maoísta, este orientalista encontra nas raízes culturais desta velha civilização o sucesso do desenvolvimento contemporâneo. Moraes era um anticlerical, mas ao contrário, Janeira enaltece a obra

dos missionários portugueses dos séculos XVI e XVII, alicerçado nas investigações mais recentes de Okamoto, Matsuda, Abranches Pinto, Wicki e Schurhammer.

Deslumbrado pelo Japão, Janeira bebe de Moraes essa admiração incomensurável do Oriente, que promove e divulga, através do elogio da acção missionária portuguesa de Quinhentos e Seiscentos.

Janeira não é um contraponto a Moraes, como Wenceslau não o é a Fernão Mendes Pinto, mas, tal como Moraes reconhece em Mendes Pinto o pioneirismo do proto-orientalismo português, também Moraes serve de lanterna ao orientalismo de Janeira.

Se o proto-orientalismo corresponde a um período de descoberta de um Oriente ainda desconhecido pelo Ocidente que se quer afirmar, se o orientalismo impõe uma leitura exótica de um Oriente em declínio, o pós-orientalismo adivinha a leitura do Oriente e das relações entre Oriente e Ocidente quando o Ocidente pretende interpretar o renascimento do Oriente.

[Autor: Eduardo Kol de Carvalho, pp. 108-121]

A sedução da China nos contos das *Mil e Uma Noites*

As Mil e Uma Noites, chegadas ao Ocidente na primeira metade do século XVIII pela adaptação de Antoine Galland e traduzidas por Joseph-Charles Mardrus no final do século XIX, criaram na Europa uma

imagem fantasista do Oriente, fruto, por um lado, de um “Outro Mundo” idealizado e, por outro, da nova tendência do conto enquanto gênero literário.

Embora o imaginário dos contos reporte ao Califado Abássida e a diversas fontes que percorrem os caminhos de Damasco a Bagdad, outra referência surge como determinante na visão do Oriente. Trata-se da China, cuja localização mágica, adjacente ao universo ficcional das narrativas, abrange alusões a maravilhosos reinos e personagens que povoam estruturalmente os contos, dotando-os de características peculiares. É o caso de conhecidos contos como o de «Aladdin et la lampe magique», ou menos populares como a «Histoire de Kamaralzaman avec la Princesse Boudour» e a «Histoire de la Rose Marine et de l'Adolescente de Chine».

Com as *Mil e Uma Noites*, uma recriação ficcional do discurso transporta a China para o Ocidente. Porém, é também nesta experiência que a Europa espelha na China os reflexos da sua própria efabulação.

[Autora: Ana Margarida Chora pp. 122-136]

***Taotologias* de Rui Rocha: uma poética do instante e do silêncio**

Rui Rocha faz parte de um conjunto de poetas portugueses do delta literário macaense que representam não apenas os rumos contemporâneos da poesia em Macau, mas também a sua mais requintada expressão. Em *Taotologias*, o seu último livro de poesia, sobressai um olhar cross-cultural, oscilando entre duas culturas e dois mundos diferentes mas ambos constitutivos da identidade do poeta.

[Autora: Isabel Cristina Mateus pp. 137-145]

